

O Plano Mestre do Evangelismo

Robert E. Coleman

Resumo por Bill Glad

Tradução: Alisson Wilker

O Mestre e Seu Plano: *O problema nos métodos evangelísticos.*

Em nossos esforços para cumprir o grande chamado de Cristo, nós precisamos constantemente avaliar os objetivos e a relevância do nosso trabalho. Está valendo a pena? O trabalho alcança o seu objetivo? Estarmos ocupados não significa necessariamente que é para um propósito. Nós precisamos focar nossa atenção em uma estratégia de movimentação diária bem pensada em termos de objetivos de longo prazo – tudo que fazemos deve ter um propósito. Esta é uma tentativa de enxergar os princípios de controle que governam os movimentos do Mestre na esperança de que nossos próprios trabalhos possam estar em conformidade com um padrão similar. Considerando que a forma se adequa à função, este é um estudo para entender os princípios subliminares do ministério de Jesus – princípios que determinaram seus métodos. Para fazer isso nós temos que observar o Novo Testamento, e os Evangelhos em particular.

Cristo é o exemplo perfeito. Seu objetivo era claro: Ele queria salvar um povo do mundo para Ele mesmo e construir uma igreja do Espírito que jamais acabaria. Ninguém foi excluído do seu gracioso propósito. Seu amor era universal – Ele morreu por todos os pecados e por todas as pessoas; para Ele não havia distinção entre missões nacionais e internacionais. Para Jesus era evangelização do mundo todo. Ele planejou ganhar! Sua vida foi guiada por seu objetivo. Tudo que Ele fez e disse foi uma parte do padrão completo. Ele nunca perdeu seu objetivo de vista – redimir o mundo para Deus. Nós precisamos considerar cuidadosamente suas estratégias, porque Ele concebeu um plano que não falharia.

Seleção: *Pessoas eram seu método.*

Tudo começou com Jesus chamando uns poucos homens para segui-lo. Sua preocupação não era com programas, mas com homens que as multidões seguiriam. O objetivo inicial do plano de Jesus era recrutar pessoas que pudessem testemunhar da sua vida e continuar seu trabalho depois que Ele retornasse ao Pai. Esses primeiros convertidos tiveram pouco efeito imediato na vida religiosa da época, mas suas vidas, com o tempo, teriam impacto até a eternidade.

Nenhum dos homens que Jesus escolheu pareciam ser pessoas importantes. Eles não eram proeminentes nas sinagogas, educados ou ricos. Eles eram “simples e sem instrução” (Atos 4:13), mas Jesus viu neles o potencial para ser líderes no Reino. Eles não eram homens que você esperaria ganhar o mundo para Jesus, mas eles eram ensináveis. Eles tinham um anseio por Deus e as realidades de Sua vida. **Jesus pode usar qualquer um que queira ser usado.**

A sabedoria do método de Jesus é que Ele se concentrou em alguns poucos. Ninguém pode transformar o mundo exceto se os indivíduos no mundo forem transformados, e indivíduos não podem mudar exceto se forem moldados nas mãos do Mestre. Conseqüentemente, à medida em que a companhia de seguidores de Jesus cresceu, tornou-se necessário restringir a seleta companhia para um número mais gerenciável – Jesus escolheu doze apóstolos. Ele não proibiu outros de o seguirem, mas é inegável que sua atenção estava focada mais e mais nos poucos e não nos muitos. Mesmo entre os doze havia um seletivo grupo apostólico formado por Pedro, Tiago

e João. Todas as outras coisas sendo semelhantes, quanto mais concentrado o tamanho do grupo sendo ensinado, maior era a oportunidade para instrução efetiva. Jesus apostou todo o seu ministério nos apóstolos; os demais podiam falhar, mas os discípulos mais próximos não podiam perder seus propósitos ou tudo estaria perdido!

Jesus, por outro lado, não negligenciou as multidões. Ele fez muito para se identificar com eles, para cuidar deles, e instruí-los – tanto que em muitos casos eles estavam estimulados e mesmo movidos a fazê-Lo rei. Mas Jesus não cedeu a concepções do povo; ao invés disso Ele permaneceu em sua estratégia sob o risco de escárnio público. Poucos pareceram entender sua mensagem.

Sua estratégia, novamente, não era impressionar a multidão, mas introduzir um reino. Isto significava que Ele precisava de homens que pudessem liderar multidões. Jesus era um realista. Ele baseou seu evangelismo em um plano que atenderia a necessidade; focando em alguns poucos homens Ele desenvolveu a base sobre a qual as massas poderiam posteriormente depender. Isto vai de encontro à nossa ênfase atual no número de convertidos, ao invés de buscar construir a fundação sobre a qual um ministério evangelístico permanente pode se desenvolver.

Associação: Ele permaneceu com eles.

Depois de ter chamado seus homens, Jesus tornou uma prática estar com eles. Esta foi a essência do seu programa de treinamento – apenas deixar seus discípulos o seguirem. Este foi um método incrivelmente simples e que contrastava com os procedimentos formais dos escribas. Pela virtude da sua comunhão com Jesus os discípulos podiam “saber os mistérios do Reino de Deus” (Lucas 8:10). O conhecimento era obtido por associação antes que fosse entendido por explicação. O chamado para os discípulos era “sigam-me” e para os outros “venham e vejam”. Mesmo na escolha dos doze podemos ver que eles foram separados “para que estivessem com Ele” (Marcos 3:14). Ele tinha mais tempo com os apóstolos do que com todos os outros no mundo juntos, e isto só pode ter sido um ato deliberado. Usando essa abordagem significa que Jesus teve pouco tempo para si.

Jesus ainda ministrou para as massas, mas todo o tempo ministrou para seus discípulos tendo-os com ele. Ele teve que se dedicar primariamente à tarefa de desenvolver algumas pessoas que por sua vez poderiam dar esse tipo de atenção pessoal a outros. Novamente, a igreja da atualidade tem falhado miseravelmente no cuidar dos indivíduos do corpo com a atenção de que precisam. Construir homens e mulheres não é fácil. Mas nós precisamos estar incorporando no nosso ministério o cuidado pessoal e relacionamentos íntimos para todos os novos membros do corpo.

Consagração: Ele exigiu obediência.

Jesus esperava que as pessoas que estavam com ele o obedecessem. Elas não tinham que ser inteligentes, mas deveriam ser leais. Elas eram chamadas seus “discípulos” o que significa que eram “aprendizes” ou “pupilos”. Para o momento tudo o que elas eram solicitadas a fazer era seguir Jesus. Seguir talvez parecesse fácil no começo, mas logo ficou claro que isto significava a entrega de toda a sua vida ao Mestre em absoluta submissão a sua soberania. Não podia haver acordo. Candidatos a discípulos tinham que estar dispostos a pagar o preço e muitos que O seguiam desistiram.

A obediência dos discípulos não se correlacionava diretamente com seu entendimento dos ensinamentos de Jesus. Na realidade, eles estavam longe de entender Jesus quando falava sobre a cruz e a servidão. Mas sua capacidade de receber revelação cresceria desde que continuassem

a praticar a verdade que realmente entenderam. Assim obediência à Cristo foi o meio principal pelo qual aqueles em sua companhia aprenderam mais verdade.

A obediência suprema foi interpretada como a expressão do amor. Se os discípulos amassem Jesus, isto seria apresentado em sua obediência às palavras dele. Obediência absoluta à vontade do Pai, é claro, foi o princípio controlador da própria vida do Mestre. A cruz foi apenas o clímax coroando o comprometimento de Jesus em fazer a vontade de Deus.

Do ponto de vista estratégico, obediência era a única forma de Jesus moldar a vida dos discípulos por sua palavra. Não poderia haver qualquer desenvolvimento de caráter ou propósito nos seus discípulos sem isto, e ninguém pode jamais ser um líder até que primeiro tenha aprendido a seguir um líder. Sem obediência a Cristo os discípulos teriam certamente se perdido em sua batalha por vidas humanas. Por que tantos cristãos professos hoje são atrofiados no seu crescimento e ineficazes no seu testemunho? Não seria por causa de sua indiferença aos comandos de Deus? A obediência foi substituída por uma espécie de filosofia de conveniência respeitável do “faça-como-quiser”.

Doação: Ele se entregou.

Por que as exigências de Jesus sobre a disciplina foram aceitas sem argumentação? Os discípulos entenderam que eles não estavam apenas guardando uma lei, mas estavam respondendo a Alguém que os amava e queria se entregar por eles. Sua vida foi uma vida de oblação – transmitindo aquilo que o Pai lhe deu. O amor é assim. Ele está sempre se doando. Ele não perdeu nenhuma oportunidade de enfatizar sua confiança. A menos que eles compreendessem o sentido da oração, e aprendessem como praticá-la com consistência, pouca coisa viria de suas vidas.

Outro aspecto da vida de Jesus que foi vividamente retratado aos discípulos foi a importância e uso das Escrituras Sagradas. Isto foi evidente tanto na manutenção de sua devoção pessoal como no ganhar outros para o Caminho. Ele nunca cessou de usar as Escrituras na sua conversa com eles; ele expôs as Escrituras diante deles repetidamente, e ele deixou abundantemente claro que a Palavra escrita nas Escrituras e a Palavra falada por ele não estavam em contradição. Além disso, foi deixado claro para eles que se eles quisessem continuar em sua companhia pelo Espírito depois que ele os deixasse na carne, eles teriam que permanecer na sua Palavra.

Através dessa forma de demonstração pessoal, todos os aspectos da disciplina pessoal de vida de Jesus foram transmitidos aos seus discípulos, mas o que talvez tenha sido mais importante em face do seu propósito maior era que em todo momento ele estava lhes ensinando a ganhar almas. Praticamente tudo que Jesus disse e fez tinha alguma relevância com o trabalho de evangelismo deles, seja explicando alguma verdade espiritual ou revelando-lhes como eles deveriam lidar com as pessoas. Jesus foi tão mestre no seu ensinar que ele não deixou seu método obscurecer sua lição. Ele deixou sua verdade chamar a atenção para si, e não a apresentação. Todos os discípulos tinham que ensinar os outros; ele foi um Professor que praticava com eles o que ele esperava que eles aprendessem. Ele não pediu a ninguém para fazer ou ser nada que ele primeiro não tivesse demonstrado na sua própria vida, desse modo não apenas provando sua viabilidade, mas também sua relevância para sua missão em vida. É aceitável dizer às pessoas o que pretendemos, mas é infinitamente melhor mostrar-lhes como fazer.

Delegação: Ele atribuiu-lhes trabalho.

Jesus estava sempre crescendo em seu ministério até o tempo em que seus discípulos teriam que continuar o seu trabalho e sair ao mundo com o Evangelho da redenção. Ele nunca era prematuro

em sua insistência em agir; ele era paciente. Seu método era levar os discípulos a uma experiência vital com Deus, e mostrar-lhes como ele trabalhava, antes de dizer-lhes que eles tinham que fazê-lo. Eles receberam tarefas como responsabilidades manuais de conseguir comida e acomodação, assim como serem enviados em uma missão de pregação.

Na sua primeira missão evangelística, os discípulos foram instruídos a “pregar o Reino de Deus e curar os enfermos”. Mas Jesus não parou por aí; Ele também foi específico nas suas instruções sobre onde se alojar, o que levar, e o que dizer. Era como se Jesus estivesse dizendo a seus discípulos a ir aonde encontrariam a audiência mais suscetível, e além disso, os discípulos fossem instruídos a concentrar seu tempo sobre os indivíduos mais promissores em cada cidade, que poderiam, assim, continuar seu trabalho depois que tivessem ido embora. Nós também devemos nos empenhar nos ouvintes atentos, enquanto ao mesmo tempo esperamos dificuldades e divisão por causa da mensagem que trazemos.

Evangelismo não é um acessório opcional em nossa vida. Ele é o coração pulsante de tudo o que somos chamados a ser e a fazer. Mas não é suficiente fazer disso um ideal. Ele deve ser transformado em expressão tangível por aqueles que seguem o Salvador. O melhor caminho para que isto seja feito é se dar atribuições práticas de trabalho e esperar que sejam realizadas. Isso faz com que as pessoas comecem, e onde eles já viram seu trabalho demonstrado na vida do mestre, não há razão para que a tarefa não seja concluída.

Supervisão: Ele acompanhou o trabalho deles.

Jesus costumava se encontrar com seus discípulos após suas jornadas de serviços para ouvir seus relatos e compartilhar com eles a bem-aventurança do seu ministério ao fazer o mesmo. Neste sentido, pode-se dizer que seu ensinamento alternava entre instrução e atividade. Quando quer que estivesse com eles, ele os ajudava a entender o motivo de alguma ação anterior ou os preparava para alguma experiência nova. O que é visto aqui tão vividamente nessas sessões de acompanhamento subsequentes às visitas dos discípulos apenas mostra em grande evidência uma estratégia de Jesus através de seu ministério. À medida em que ele revisava alguma experiência que seus discípulos tiveram ele trazia alguma aplicação prática daquilo para suas vidas.

Muitas ilustrações poderiam ser citadas para mostrar como Jesus acompanhava as ações e reações dos seus discípulos à medida que enfrentavam várias situações difíceis. O importante sobre o trabalho de supervisão de Jesus era que ele mantinha o objetivo que tinha colocado para eles. Discípulos devem ser trazidos à maturidade. Não pode haver substituto para a vitória total, e o nosso campo é o mundo. Nós não fomos chamados para segurar o forte, mas para bramar nas alturas.

Reprodução: Ele esperava que eles reproduzissem.

Jesus queria que os discípulos produzissem sua semelhança na e através da Igreja sendo congregada no mundo. Assim seu ministério no Espírito seria duplicado muitas vezes pelo seu ministério nas vidas de seus discípulos. Através deles e outros como eles, seu ministério continuaria a se expandir em uma circunferência sempre crescente até que as multidões pudessem conhecer de modo semelhante a oportunidade que eles tinham conhecido com o Mestre. Por essa estratégia a conquista do mundo era apenas uma questão de tempo e da fidelidade deles ao seu plano. Não importava quão pequeno o grupo era no início, contanto que eles reproduzissem e ensinassem seus discípulos a reproduzir. Um Cristão improdutivo é uma

contradição. Uma árvore é conhecida pelos seus frutos. Jesus chamou pessoas para avaliar o produto de suas vidas. Esta foi a revelação do que elas eram.

O grande chamado de Cristo para a Igreja se resumiu no comando “fazei discípulos de toda criatura” (Mateus 28:19). Os discípulos deviam construir pessoas como eles mesmos que fossem tão constrangidas pelo chamado de Cristo que não somente o seguissem, mas também levassem outros a seguir seu caminho. Liderança foi a ênfase. A única esperança para o mundo é que pessoas vão a eles com o Evangelho da Salvação, e ganhem-nos para o Salvador, não para deixá-los, mas para trabalhar com eles com fé, pacientemente, meticulosamente, até que se tornem Cristãos frutíferos saboreando o mundo ao seu redor com o amor do Redentor. O teste de qualquer trabalho de evangelismo então não é o que é visto no momento, ou no Relatório de Conferência, mas na efetividade com a qual o trabalho continua na próxima geração.

Os ricos princípios de desenvolvimento e reprodução de liderança parecem ter sido submergidos abaixo da estratégia mais fácil de recrutamento em massa. Quando iremos perceber que evangelismo não é feito por algo, mas por alguém? Ele é uma expressão do amor de Deus, e Deus é uma Pessoa. Sua natureza, sendo pessoal, somente é expressada através de personalidade, primeiramente revelada por completo em Cristo, e agora expressada através de seu Espírito nas vidas daqueles entregues a Ele.

Conclusão: O Mestre e seu plano.

Qual é o plano da sua vida? Todo mundo tem que viver por um plano. O plano é o princípio de organização ao redor do qual o objetivo de vida é conduzido. Nós podemos não estar conscientes de um plano em cada ação, ou mesmo saber que temos um plano, no entanto nossas ações invariavelmente apresentam algum tipo de padrão no centro das coisas. Considerar os planos de Jesus como verdadeiros significa que eles devem ser relevantes. Cada um de nós então deveria estar procurando algum jeito de incorporar o conhecimento da estratégia de Jesus em nossos próprios métodos preferidos de evangelismo.

As multidões não podem conhecer o Evangelho a menos que tenham um testemunho de vida. Meramente dar a elas uma explanação não é suficiente. Pessoas devem ser nossa prioridade. Nós não deveríamos esperar um número grande para começar, ou nem mesmo desejá-lo. Melhor dar um ano ou mais para uma ou duas pessoas que aprendam o que significa conquistar para Cristo do que gastar uma vida inteira com uma congregação apenas mantendo o programa em funcionamento. Vai levar tempo e consistência em encontros para orar e estudar a palavra de Deus, e depois se mudar em obediência. Não é suficiente apenas envolver pessoas em algum tipo de associação de grupo, elas devem receber alguma forma de expressar as coisas que elas aprenderam; você tem que esperar algo delas. Tudo isso vai requerer muita supervisão, tanto no desenvolvimento pessoal dessas pessoas como no trabalho delas com outras. O principal é mantê-las crescendo em paz e conhecimento. Ajudá-las a carregar seus fardos, e deixá-las continuar o trabalho de fazer discípulos. O crucial, é claro, é a experiência espiritual delas. Nada menos do que o preenchimento interior do Espírito de Cristo será suficiente para superar o desafio. O preço da vitória é caro, e desapontamentos certamente virão, mas nós não estamos vivendo principalmente para o presente. Nossa satisfação está em saber que em gerações futuras nosso testemunho por Cristo ainda estará produzindo fruto através deles em um ciclo de reprodução sempre mais amplo até os confins da terra e até o fim dos tempos.

<http://regions.ivcf.org/evangelism/667>